



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

FREDERICO FELIPE FARO FERREIRA

ICRUZ:
A UTILIZAÇÃO DO FORMATO DE VLOG NA CRIAÇÃO DE ROTEIROS DE SITCOM
PARA A INTERNET

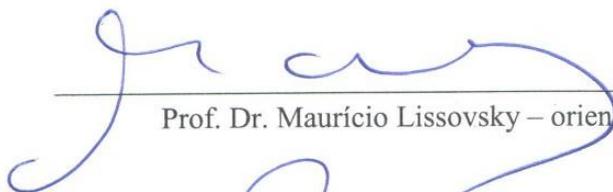
RIO DE JANEIRO
2017

**ICRUZ: A UTILIZAÇÃO DO FORMATO DE VLOG NA CRIAÇÃO DE ROTEIROS
SITCOM PARA A INTERNET.**

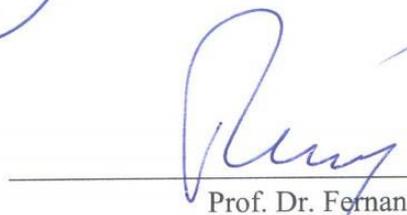
Frederico Felipe Faro Ferreira

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

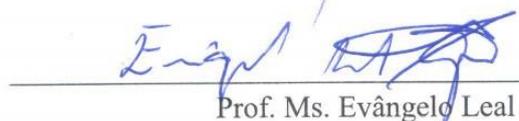
Aprovado por



Prof. Dr. Maurício Lisovsky – orientador



Prof. Dr. Fernando Fragozo



Prof. Ms. Evângelo Leal Gasos

Aprovado em: 11/12/17

Grau: 9,0

RIO DE JANEIRO
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**ICRUZ: A UTILIZAÇÃO DO FORMATO DE VLOG NA CRIAÇÃO DE ROTEIROS
SITCOM PARA A INTERNET.**

Frederico Felipe Faro Ferreira

Relatório Técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação social. Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Lissovsky

RIO DE JANEIRO
2017

FERREIRA, Frederico Felipe Faro.

iCruz: a utilização do formato de vlog na criação de sitcom para a internet / Frederico Felipe Faro Ferreira – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2017.

60 f.

Relatório Técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2017.

Orientação: Maurício Lissovsky

1. Roteiro. 2. Websérie. 3. Sitcom. I. LISSOVSKY, Maurício. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. iCruz

A nós quatro.

ICRUZ: A UTILIZAÇÃO DO FORMATO DE VLOG NA CRIAÇÃO DE ROTEIROS DE SITCOM PARA A INTERNET.

FERREIRA, Frederico. **iCruz**: a utilização do formato de vlog na criação de sitcom para a internet.

Orientador: Maurício Lisovsky. Rio de Janeiro, 2017. Relatório Técnico (Graduação Em Comunicação Social - Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho pretende abordar os processos da elaboração da websérie cômica *iCruz*, assim como a confecção dos roteiros do vídeo de apresentação do canal e dos 4 primeiros episódios da série. Propõe-se utilizar um híbrido entre a linguagem de *vlog*, vastamente utilizada por *youtubers*, em que se fala diretamente para a câmera e a tradicional estrutura das *sitcoms*, com situações adversas e diálogos cômicos experimentados pelos personagens (formato consagrado pelas redes de televisão americanas). Com isso, pretende-se inovar com utilização de dois formatos de sucesso, que nunca haviam sido explorados de forma conjunta e conseguir maior empatia do público para as situações vivenciadas pelos personagens.

Palavras-chaves: Roteiro; webérie; *iCruz*; vlog, sitcom.

ABSTRACT

This report will approach the elaboration process of a comic web series entitled iCruz, as well as the writing of the scripts from the video of presentation of the channel and the first 4 episodes of the series. It is proposed to use a hybrid between *vlog* language, widely used by *youtubers*, in which the subject speaks directly to the *câmera*, and the traditional structure of *sitcoms*, with adverse situations and comic dialogues experienced by the characters (format consecrated by the American television networks). Therewith, it pretends to innovate using two formats of success, which had never been explored together, aiming to achieve more empathy with the audience in the situations experienced by the characters.

Keywords: Screenplay; webseries; iCruz; vlog; sitcom.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	
1.1	Contexto do trabalho	9
1.2	Objetivo.....	10
1.3	Organização do relatório.....	11
2	PRÉ-PRODUÇÃO	
2.1	Concepção do roteiro	12
2.2	Perfil do personagem fixo.....	13
3	DESENVOLVIMENTO	
3.1	Episódio 1: Não aguento mais o preço do ônibus!	15
3.2	Episódio 2: Mal diagramados	17
3.3	Episódio 3: Pais e Filhos	19
3.4	Episódio 4: Acontece com todo mundo	20
3.5	Vídeo de entrada do canal.....	21
4	PÓS-PRODUÇÃO	
4.1	Impressões de terceiros.....	23
4.2	Refinamento dos monólogos e diálogos	23
4.3	Perspectiva de realização.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26
	Anexo 1.	27
	Anexo 2.	30
	Anexo 3.	39
	Anexo 4.	47
	Anexo 5.	54

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto do trabalho

Cresce cada vez mais a exposição dos pensamentos e a busca de afirmação de identidades na internet a partir das ferramentas proporcionadas pela consolidação da web 2.0. Além disso, o fácil acesso a materiais de gravação de imagem e som que permitem a confecção de vídeos de relativa qualidade técnica e o retorno financeiro proporcionado por mecanismos de publicidade que recompensam o produtor em relação ao número de visualizações de seus vídeos, fizeram com que a internet seja, hoje, uma das principais plataformas visadas para criação de novos conteúdos. Dentre estes, uma grande parte está pautada em vídeos em que o sujeito fala diretamente para a câmera, o que atualmente compreende-se a partir do termo *youtuber*. Baseado no nome do principal portal para divulgação de conteúdo audiovisual independente na internet, esse termo remete ao que era conhecido há algum tempo como *vlogger*, um formato que já existia, mas não com a relevância social que possui o novo termo.

Um dos canais nesse formato, Whinderssonnunes, atualmente o maior do Brasil em número de inscritos no site Youtube, onde se lança a maioria dos vídeos produzidos. Pautado principalmente em vídeos contando histórias engraçadas sobre a sua infância e seu cotidiano, possui aproximadamente 25 milhões de assinantes e uma média de 7 milhões de visualizações por vídeo lançado a cada semana. Uma audiência invejável até mesmo por alguns canais de televisão, mídia consolidada há muito mais tempo e com vasta penetração nacional. Tomando ainda como exemplo o caso de Whindersson, nota-se que é possível criar, produzir e divulgar conteúdos de forma livre e sem precisar passar pelo crivo que a televisão cobra para novos conteúdos, seja em relação ao tema, seja ao formato. E apesar do comediante ser um excepcional exemplo de sucesso na rede, este compartilha do sucesso com vários outros canais, ainda que de menor audiência, na internet. Desse modo, produzir hoje para a internet mostra-se um caminho promissor, considerando, além da visibilidade, as vantagens de se poder produzir e divulgar conteúdo audiovisual sem necessariamente ter entrada prévia no mundo de negócios restrito da televisão.

Ainda assim, tratando-se de projetos ficcionais, a televisão ainda é parâmetro na criação de conteúdo, com formatos consagrados para produção de séries cômicas e dramáticas. É verdade que plataformas como Netflix, Hulu, Amazon Prime Video e até mesmo o Youtube, fazem com que o conteúdo seja bastante difundido pela internet, porém os

principais formatos ainda consistem em estruturas originais da televisão. Limitando-se a séries de comédia, mais especificamente *sitcom* (situation comedy, comédia de situação em livre tradução), temos diversos exemplos de sucesso mundial, como *Friends*, *Seinfeld*, *Modern Family*, *The Office*, entre outras. No Brasil, ainda que em menor número, podemos citar os casos de *Os Normais*, *Toma Lá Dá Cá* e a icônica *A Grande Família*, todas produzidas pela Rede Globo. Diferindo em temas e linguagem audiovisual, todas possuem a mesma fórmula criativa para gerar comicidade, colocar personagens relacionáveis em situações adversas reagindo de forma absurda, seja por meio de ações ou diálogos, causando ao mesmo tempo empatia e espanto, resultando em humor.

Apesar do sucesso incontestável dos dois segmentos, as *sitcoms* e os *youtubers*, não há projeto para internet baseado no tema. Quando se relaciona os dois, pode-se citar, forçando um paralelo, somente o caso da série infanto-juvenil americana da Nickelodeon, *iCarly*, protagonizada por Miranda Cosgrove, que acompanhava a vida de 3 amigos e a produção de um programa para a internet com o mesmo nome do título, finalizada em 2012. Com a velocidade com que a internet se modifica, e levando em conta que esse projeto tinha como alvo o público infanto-juvenil da época, esse já pode ser descrito como um projeto defasado e que não dá conta do novo panorama de sucesso dos canais do Youtube, nem das complexidades do mundo contemporâneo.

Nota-se, portanto, uma lacuna a ser preenchida com a junção desses dois segmentos que isolados já são comprovadamente sinônimos de sucesso. Pretende-se com a hibridização dos dois retirar o que cada um tem de melhor na busca por empatia e identificação do público.

1.2 Objetivo

Aliando a busca pela inovação do formato das *sitcoms*, com a inserção do momento de monólogo característico dos vídeos de sucesso do Youtube, surgiu a ideia para a criação da série *iCruz*. Ainda sem nome na época da criação, a ideia era partir do monólogo para a criação das cenas e posteriormente, durante os episódios, inverter a ordem, fazendo parecer que a situação origina o monólogo ou desabafo direcionado à câmera. Desabafo, porque a ideia principal da série é, além de aproximar dois formatos, colocar em pauta questões cotidianas na vida dos jovens. O preço da passagem de ônibus, os padrões de beleza, o desenvolvimento da sexualidade, qualquer coisa que seja relevante o suficiente para causar inquietações até não ser mais possível segurar o que está borbulhando na cabeça e entalado na garganta.

Os roteiros escritos até o momento pretendem ser um guia para que o modelo seja adotado por outros realizadores. Um autor não é capaz de experimentar e sintetizar todos os males que afligem a juventude contemporânea, por isso espera-se que a criação do modelo apresentado possibilite que outros autores deem voz aos seus personagens ou alteregos, para expor de uma forma interessante e eficaz seus pensamentos sobre a vida.

Além disso, busca-se a participação também do espectador, a partir das suas identificações ou questionamentos sobre o tema, a história e os personagens, utilizando uma futura caixa de comentários quando o roteiro virar vídeo e for postado. Ou mesmo, como será proposto no primeiro roteiro do vídeo de apresentação do canal, que os espectadores se tornem produtores e façam seus próprios vídeos compartilhando suas questões que podem ter reverberações nas vidas de outros espectadores e na compreensão da sociedade. O importante é que o formato se transforme em uma ferramenta que possibilite que as discussões se tornem mais plurais e efetivas.

1.3 Organização do relatório

O relatório será dividido em três partes referentes a cada etapa da criação da série e de seus roteiros: a pré-produção, o desenvolvimento e a pós-produção.

Caberá à pré-produção detalhar as etapas anteriores à fase de escrita dos roteiros. A concepção da ideia com as influências para a criação do formato. A escolha do tema e como este repercute na criação do personagem principal.

No desenvolvimento, estarão as etapas da confecção dos roteiros em si. O momento de escrever os monólogos e diálogos. Quais as motivações para os temas dos episódios, como os personagens irão ser escritos para interagirem entre si e em quais situações serão colocados para reagirem até o monólogo.

Na pós-produção entrará o momento de refinamento dos diálogos; a adição de pequenas ações para os personagens durante as cenas – haja vista que o desenvolvimento do roteiro estará em grande parte nos diálogos e monólogos; as impressões de pessoas que leram o roteiro e como as sugestões podem alterar o produto confeccionado; por fim, as perspectivas de realização, transformando o roteiro em uma obra audiovisual de fato.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

2.1 Concepção do roteiro

A ideia da série, e conseqüentemente dos roteiros, partiu da vontade de criar conteúdos novos para a internet, algo que propusesse uma novidade e, ainda assim, fosse relacionável pelo público. Tendo um grande apreço por *sitcoms* americanas, queria trazer algo desse formato de sucesso para a internet, sem perder de vista que a proposta para a internet deve se adaptar ao tempo e à linguagem que essa mídia possui, que diferem substancialmente da televisão. Apesar da grande influência das *sitcoms* neste projeto de forma geral, uma em particular merece destaque para a concepção de iCruz e seu formato. A série *Seinfeld*, criada por Larry David e Jerry Seinfeld, já eleita como a *sitcom* favorita dos americanos¹, é uma das grandes inspirações para concepção e posteriormente até para a escrita dos diálogos da websérie.

A *sitcom* sobre nada, que ao mesmo tempo fala sobre tudo, foi um dos grandes sucessos televisivos da década de 90 e apesar de seu repertório contar com algumas piadas datadas, *Seinfeld* tem nos diálogos e nas situações a consistência para se manter até hoje como um clássico. Porém, a característica principal desse clássico da comédia que foi incorporada em iCruz e merece destaque aqui é o uso singular de um recurso que a difere das demais *sitcoms*: o monólogo isolado durante os episódios (algo já previsto desde o roteiro). *Seinfeld* inovou ao colocar no início e durante alguns episódios trechos de apresentações de *stand-up comedy* do cocriador e protagonista da série Jerry Seinfeld, fazendo um paralelo com as situações que estavam acontecendo na série. Segundo o próprio comediante, a ideia da série era mostrar os bastidores da sua vida que lhe rendiam situações perfeitas para criar as piadas para os shows. Em algumas entrevistas, Seinfeld admitiu colocar algumas situações na série somente para que trechos de *stand-up* que ele julgava bons pudessem ser usados.

É desse ponto que parte a criação da websérie iCruz. Uma plataforma que possui tantos vídeos de monólogos, falas de frente para a câmera e mais nada, seria perfeita para a incorporação desse fator. Atentando-se, contudo, para o fato de que as formas de fazer os monólogos para apresentações de *stand-up* que posteriormente são transformadas em vídeos e os feitos diretamente para o Youtube diferem bastante, principalmente devido à montagem. Ainda que alguns vídeos de apresentações de comediantes de *stand-up* comecem a fazer sucesso na rede, são incomparáveis à penetração que possuem os *youubers* que sabem de fato

¹ Pesquisa feita pelo programa 60 Minutes em parceria com a revista Vanity Fair.

utilizar as ferramentas proporcionadas pela edição de vídeo e a montagem que só o audiovisual possibilita.

A estratégia para a elaboração dos roteiros, então, seria partir, primeiramente, da confecção do monólogo, para em seguida se debruçar sobre as situações que poderiam conduzir o personagem ao ponto de precisar passar ao momento do monólogo. Cada episódio giraria em torno desse momento, deixando as situações e principalmente os diálogos à altura da redação do texto base para esse roteiro. Após o momento do monólogo, seria dada sequência ao restante do episódio, chegando a uma solução definitiva ou não do problema. Sabe-se que em certos episódios, dependendo do problema levantado, não haveria solução concreta para o problema, apenas um desfecho paliativo, cujo objetivo principal seria suscitar o debate do público.

Além disso, atentando-se para as diferentes formas de produzir para televisão e para internet, a duração dos episódios não poderia ser muito longa. Um conteúdo para internet, principalmente para o Youtube, deve ir direto ao ponto, chamar a atenção de quem está assistindo e conquistar a sua curiosidade para assistir até o final. Por isso, os episódios deveriam ter no máximo 6 páginas, 2 para apresentação do problema, 1 para o monólogo e 3 para a resolução do problema e finalização do episódio, admitindo uma pequena variação quando necessário. Tomando como base a medida de 1 página por minuto, o vídeo conseguiria manter um padrão de duração condizente com a mídia de divulgação.

Porém, mesmo sabendo qual formato trabalhar e quais eram os objetivos a serem buscados, restava uma questão fundamental: sobre o que falar? A resposta veio primeiramente com uma inquietação pessoal do autor, mas compartilhada por muitos: o preço das passagens do transporte público. Então surgiu o texto, o monólogo, que fluiu como um desabafo nos teclados do computador. Agora, partindo da ideia inicial, era necessário criar a situação que trouxesse à tona esse “testemunho” para a câmera. Percebendo uma atual lacuna na produção de séries sobre a vida universitária e que abordem, principalmente, problemas reais da vida do jovem brasileiro, surgiu a vontade de fazê-lo.

2.2 Perfil do personagem fixo

O problema é que o jovem não é só um. A juventude pode ser entendida como um espectro amplo e muitas realidades existem para serem representadas dentro desse tema, seja referente a idade, gênero, orientação sexual, raça, classe econômica, etc. Não fazia sentido delegar apenas a um personagem a missão de ser porta-voz de tantas histórias (como feito em *Seinfeld*). Fazer esta escolha seria limitar um enorme potencial de criação. A solução para o

problema foi criar um personagem principal que servisse como um catalisador para os desabafos dos personagens. Ao invés de um protagonista, sobre o qual todas as histórias são contadas, criar um “paraprotagonista”, não um antagonista, mas alguém do outro lado que servisse de suporte para que as histórias de outros personagens pudessem ser contadas.

Um personagem fixo, capaz de criar uma rotação de personagens que passam pela sua vida e ao mesmo tempo sentem-se livres para desabafar com ele. Paulo Cruz nasce como o amigo perfeito para todas as horas, compreensível, sensato, engraçado, receptivo (dono de uma geladeira sempre com uma cerveja para bons e maus momentos) e com um dom natural de atrair pessoas para sua vida e fazer com que elas lhe contem seus problemas. Para fazer com que esse personagem fosse narrativamente crível como um bom ouvinte e passível de ter a ideia de um canal em que seus amigos pudessem desabafar sobre as aflições da vida, recebendo em retorno o alívio que buscavam, fez-se dele um estudante de psicologia.

Em certa medida, é possível identificar que a influência para Cruz (certamente é para o autor) seja um texto do professor Paulo Vaz com colaboração de Amanda Santos e Pedro Henrique Andrade, intitulado “Da confissão ao testemunho”, presente no artigo “Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência”. Nele, o autor destaca a diferença entre a confissão e o testemunho no que se refere ao modo como é feita a construção narrativa do discurso autobiográfico em cada um. Atenta-se para a passagem nas culturas ocidentais do primeiro para o segundo e para as implicações disso nas formas de viver de quem pratica cada discurso. O interesse aqui em citar esse autor não é propor-se a discutir as diferenças entre cada um dos modos de se construir discursos, mas entender qual o papel do testemunho na sociedade atual, principalmente nas redes, onde grande parte dos textos e vídeos são, em certa medida, a ele relacionados. E, o mais importante, compreender qual a consequência no modo de vida de quem se utiliza desse discurso (ainda que o foco aqui sejam personagens fictícios). Vaz (2014, p.6) explica que:

No caso do testemunho, é dito que narrar no espaço público a experiência de ter sido vítima, além de supostamente contribuir para o bem comum por evitar que outros passem por experiência semelhante, tem uma função terapêutica, pois elevaria a autoestima.

Esse é o tipo de pensamento que leva Cruz a acreditar que além da sua ajuda e dos conselhos que pode dar como amigo, a experiência de testemunhar para a internet os males sofridos podem ser de serventia ainda maior aos que lhe procuram. Além de possibilitar que outras pessoas, os espectadores, compartilhem do testemunho e sejam incentivados a partilharem

também suas questões. Caso não fosse possível solucionar a questão de forma definitiva, que fosse proporcionado, ao menos, uma sensação de bem-estar a quem testemunha.

Os demais personagens da série, sendo rotativos, foram sendo criados a partir das necessidades que o monólogo possuía. Na etapa do desenvolvimento, será destrinchando o perfil de cada personagem e o modo pelo qual eles foram moldados, a partir das características que os monólogos e as situações para que se chegasse até eles ajudaram a construir.

3 DESENVOLVIMENTO

Tratando-se de uma obra seriada que não possui um arco narrativo de temporada definido, com temas e personagens que mudam ao longo de cada episódio, o desenvolvimento será dividido em partes para que cada episódio seja esmiuçado e seus temas, personagens, monólogos e situações sejam vistos detalhadamente.

3.1 Episódio 1: Não aguento mais o preço do ônibus!

Escolhido para ser o primeiro episódio da série, foi também o primeiro a ser escrito. À primeira vista isso pode parecer evidente, mas atentando para o fato que a série possui episódios que não tem necessariamente relação entre si e que cada episódio pode ser visto independentemente, demonstra-se o grau de importância dado a esse roteiro dentro do projeto, especialmente por acreditar-se na relevância dessa questão na vida do espectador.

O tema escolhido, o preço do transporte público, refere uma questão essencial na vida de muitos brasileiros. Nele estão incluídos a mobilidade urbana, a gestão do governo municipal, a perspectiva de mobilização social, a diferença efetiva entre classes sociais e a própria qualidade de vida. Um tema muito complexo e que é importante que seja debatido. Não coincidentemente foi um dos estopins para as manifestações de julho de 2013, sendo um reflexo de toda a insatisfação da população com as medidas tomadas pelos governantes. Naquele caso, especificamente na decisão do governo da cidade de São Paulo de aumentar em 20 centavos o preço da passagem de ônibus. Com a evolução das manifestações e a entrada de outras pautas em debate, além da posterior desmobilização social em torno do tema, a questão do transporte público foi deixada em segundo plano. No caso de São Paulo, ainda, apesar de o governo postergar o aumento das taxas, acabou o fazendo de qualquer forma quando a mobilização perdeu forças.

A vontade que levou à escrita do texto do monólogo e da confecção de todo o roteiro seria reacender o debate em torno do tema. Para isso, era necessário compor o texto a ser

colocado na voz de um personagem que sofresse por causa da questão da mobilidade urbana. O vencedor do Pulitzer, Donald Murray, defende no seu artigo “All Writting is Autobiography” que toda escrita é autobiográfica, pois sempre tomamos como base nossas próprias experiências para criar personagens e situações. Tecer esse monólogo não fugiu à regra. Como parte da sociedade e usuário deste serviço, o roteirista também se aflige devido aos custos do transporte público. Com o adicional de fazer um trajeto intermunicipal diariamente (Rio-Niterói) e precisar desembolsar o dobro do valor gasto com viagens dentro da mesma cidade. O monólogo escrito segue o relato de quem passa por essa situação todos os dias e sente não ter outra solução a não ser curvar-se diante dela. Constatação que o impele a declarar que *não aguenta mais o preço da passagem de ônibus*. Essa frase está presente no monólogo e dá nome ao episódio como um manifesto, uma vontade de convocar todos a manifestarem a indignação com a situação. Um sentimento, ainda que adormecido, vive dentro de todos que passam por isso todos os dias. Algo como a cena clássica do filme “Network – Rede de Intrigas” em que o personagem Howard Beale convoca todos a irem à janela e gritarem “*I’m mad as hell and I’m not going to take it anymore!*”².

Logo, o personagem criado para dar voz a esse lamento deveria demandar uma relação específica com a mobilidade urbana, o que o levou a ser construído como residente de Niterói, cidade vizinha à capital. Além disso, um universitário, com pouco dinheiro para sobreviver e manter-se estudando em uma das cidades de custo de vida mais elevado no mundo. Robson, 19 anos, é estudante de Publicidade e Propaganda, possui uma criatividade aguçada e uma veia cômica que o faz perceber potencial humor até em suas desgraças (o que explica as tentativas de piada durante seu monólogo). Foi escrito como um personagem que vive como um universitário de classe média, sem muito dinheiro para gastar, mas sem estar no limite necessário para pedir auxílio estudantil. A faixa exata para que os 16 reais por dia de transporte público façam uma diferença significativa no final do mês.

Partindo disso, criou-se a situação que evidenciaria o problema de forma simples e direta. Em uma posição econômica que cada moeda pode fazer a diferença, algo como deixar 50 centavos sumirem atrás de um rack, pode significar não conseguir voltar para casa. Na falta de dinheiro, Robson pede algumas moedas emprestadas para Cruz para poder voltar para casa, mas por falta de sorte, acaba perdendo uma única moeda e percebendo a fragilidade do seu direito à mobilidade urbana, o que o leva direto para o iCruz.

² “Estou furioso e não vou aguentar mais isso!”, em tradução livre.

Um problema que pode ser resolvido de forma imediata e paliativa, ao conseguir mais dinheiro, mas que a longo prazo permanece sem solução. A resposta rápida para o problema foi a entrada de uma nova personagem na cena, Babi (que por ter seu próprio monólogo em outro episódio será descrita com mais detalhes posteriormente neste relatório). Babi entra no episódio como a salvação de Robson e também como um dos fatores que levam os três personagens à conversarem sobre as diferentes formas de se relacionar com o transporte público a partir de sua renda. Um dos problemas que permanece sem solução ao fim do episódio.

3.2 Episódio 2: Mal diagramados

O segundo episódio da série foi o último a ser escrito e possui tom mais sério do que o episódio inicial, pois trata de um tema pouco debatido e que tem implicações reais na vida de muitos: as representações na mídia de pessoas que não correspondem aos padrões de beleza vigentes. O episódio evoca também temáticas e interligações subjacentes ao tema central e os desdobramentos relevantes que ele pode suscitar. Escrever esse episódio evidenciou a complexidade que a representação de problemas sociais requer.

O título faz menção a um eufemismo utilizado, entre tantos outros, para se falar de alguém que não se encaixa nesse padrão. Simpático, desestético, mal diagramado, são algumas formas de tentar esconder um preconceito enraizado na sociedade que, por mais trivial que possa parecer, tem efeitos prejudiciais no modo de vida das pessoas. A proposta levantada com esse roteiro não é simplesmente debater a necessidade de ampliação da visada empreendida por determinados padrões de beleza, mas sim questionar a própria necessidade de adequação e adesão constante a eles. A necessidade de ser bonito sempre, como pautado, por exemplo, pelas campanhas publicitárias da indústria cosmética. Tendo em vista que o principal alvo das empresas cosméticas historicamente sejam as mulheres e que indubitavelmente esses padrões reforçados por musas e supostos modelos, se impõem sobremaneira ao sexo feminino, a porta-voz do monólogo desse episódio necessitava ser uma mulher.

Babi, que havia sido apresentada no episódio anterior, ganha o espaço para colocar sua voz diante da câmera e contar suas experiências sobre o assunto. Ela foi concebida como uma personagem consciente e crítica, cujo contexto de vida proporcionou uma série de privilégios que permitiram a ela não ser exposta a outros problemas sociais a não ser através de livros e filmes. Apesar disso, a personagem faz o possível para contribuir e tornar o mundo mais justo.

Moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro, é estudante de Direito na PUC e costuma ser a voz da razão nos debates com os demais personagens. Principalmente por trazer uma visão do lado feminino das discussões quando está presente.

Para ampliar a visão presente neste roteiro, o autor necessitou realizar pesquisas para a redação apropriada e aprofundada dos temas levantados no episódio. Assim identificou-se, por exemplo, que apenas 4% das mulheres se consideram bonitas, de acordo com uma pesquisa mundial que ouviu mais de 6400 entrevistadas. Entretanto, também foi necessário, como autor, buscar colocar-se no lugar da personagem. Considerando o tema, houve relativa facilidade em identificar dificuldades e angústias inerentes à questão, uma vez que os pensamentos postos no monólogo poderiam ter surgindo na mente de qualquer um que se indigne e questione a excessiva cobrança por perfeição estética massivamente propagada nos meios de comunicação. Ainda assim, tecer esse roteiro confirmou a expectativa de que é necessário para um conteúdo plural que mais autores se proponham a escrever, colocando as suas experiências na mídia.

Mas qual a situação que deflagraria o desabafo de Babi? Quem poderia ser esse contraponto necessário para o estopim da personagem? Foi assim que foi pensado um personagem que se tornou fundamental e segue, de certa forma, a cartilha das *sitcoms* que sempre possuem um personagem com “um juízo a menos” e que garante a quebra da tensão nos episódios. O novo personagem é Douglas, 25 anos, que apesar de aparecer em outro episódio, não terá o seu momento individual com a câmera. O motivo disso é que Douglas, ao contrário dos seus amigos, leva a vida de uma maneira mais simples e objetiva, sem se deixar levar por problematizações e pensamentos complexos sobre a sociedade. De certo modo, Douglas serve como um alívio cômico aos problemas apresentados pelos demais personagens (como será visto no terceiro episódio da série), mas também pode servir como um fator que propicie debates dos demais personagens, como é o caso desse episódio. As preocupações superficiais e posições pragmáticas do personagem, o fazem ser visto como canalha ou obtuso, o que acaba tornando-o um contraponto às reflexões dos demais. É assim que, ao tecer vários comentários superficiais e machistas enquanto navega em um aplicativo de paquera online, Douglas faz com que Babi tenha o insight de discutir os padrões de beleza que fazem com que alguns esperem da vida real o que são ensinados pela televisão.

Contudo, o episódio não se limita a discutir esse assunto, tendo no posicionamento de Cruz, que se intitula real porta-voz dos feios no episódio, surgindo outros questionamentos também importantes ao debate. Ainda que consideremos este tipo de preconceito e ele seja de fato prejudicial a muitos, não seria possível deixar de abordar outros problemas tão

importantes ou mais, que vivenciados diariamente na sociedade brasileira. Falando como quem sofreu discriminação por conta da aparência a vida toda, Cruz pontua que por ser de classe média, ter tido acesso a oportunidades diversas devido a sua situação econômica e a maioria dos seus direitos respeitados, não pode questionar como se esse fosse o maior dos problemas do mundo, quando comparado a situação de pessoas que tem seus direitos violados diariamente por se encontrarem em situações econômicas e sociais menos favorecidas.

Por fim, o episódio se propõe a levantar o debate, mas não consegue solucionar nenhum dos problemas que apresenta, pela dimensão que ambos possuem. Sendo muito mais relevante pela discussão trazida e os pontos de vista expressados.

3.3 Episódio 3: Pais e Filhos

O tema do terceiro episódio da série é menos pretensioso e relevante socialmente do que o seu predecessor, o que não significa que não aborde um assunto sensível ao público-alvo – os jovens, já que possivelmente muitos já passaram ou temem passar por essa situação: o risco de se tornarem pais precocemente. O tema, que costuma ser assunto em rodas de conversas entre amigos, surgiu para o autor exatamente dessa forma. O que não é algo incomum. Se ninguém está passando por essa situação no momento, sempre tem alguém que já passou. E um tema assim desencadeia exatamente o tipo de estória que iria parar no iCruz.

Que fique claro, esse tipo de situação não é o mesmo que gravidez na adolescência, pois normalmente em casos como o abordado no episódio, ambos os envolvidos já possuem maioridade, o que não é sinônimo de maturidade. Escrever o monólogo para isso foi trabalhar exatamente com essa questão, a relativa falta de maturidade dessa geração, apesar da objetiva maioridade. Se a geração de nossos pais constituía família antes dos 25 anos, atualmente só começamos a nos tornar adultos depois dos 30. Com efeito, resumir toda uma geração dessa forma seria uma redução simplista, uma vez que nem todas as pessoas se comportam da mesma forma e existem inúmeros modos de vida que exigem um amadurecimento imediato, contudo é notório o crescimento de casos que se enquadram nesse padrão. O modo de criação principal utilizado para idealizar o monólogo e posteriormente o personagem foi pensar como alguém que se enxergue como filho e não como pai. Que more com os pais, que discuta com os pais, que dependa dos pais.

O personagem desse episódio é Hermes, 20 anos, concebido de acordo com a abordagem que o tema exigia. Alguém que ainda more com os pais e dependa deles para tudo, que teria que mudar sua vida completamente para se tornar responsável por uma criança. Imaturo e inseguro, não consegue lidar com os problemas que a vida lhe apresenta,

principalmente um desta magnitude. Ainda que tenha uma boa intenção, querendo fazer o melhor, não tem noção de como fazê-lo. Pela falta de experiência ou ingenuidade é facilmente suscetível a mudanças de opinião dependendo do que seus amigos apresentam. E, mais importante de tudo, se preocupa mais em como vai contar para seus pais do que como irá sustentar uma criança.

A situação desse episódio já está dada desde o início, começando com Hermes informando Cruz sobre o iminente problema e pedindo o famoso ombro amigo do futuro psicólogo. O diálogo inicial dos dois, além de apresentar o problema, traz uma pergunta pertinente a ser feita pensando em um personagem com uma boa criação como Hermes que com certeza sabe a regra básica ensinada em toda aula de educação sexual: sempre use camisinha. A resposta, apresentada com uma história contada por Hermes, tenta explicar de uma forma divertida o motivo dele se deixar levar pelo momento e esquecer a tal regra. Mas é a entrada de Douglas na cena que faz Hermes atentar para o fato que realmente o assusta, contar para os seus pais o problema, dando a deixa para o momento do monólogo.

Após o desabafo/reflexão de Hermes no iCruz, o diálogo se desenrola com uma história estapafúrdia contada por Douglas sobre o submundo do tráfico de fraldas no Rio de Janeiro, que serve como uma quebra na normalidade da série e tensão da situação vivida por Hermes. Posteriormente, vem à tona a ideia Douglas, que sugere um aborto sem chegar a mencionar a palavra – outro sinal da sua personalidade, que acaba tendo um efeito prático em Hermes que, contrário ao personagem e somado à idealização de Cruz sobre um possível momento feliz como futuro pai com seu filho em um jogo de futebol, o faz mudar de ideia sobre a possibilidade de ser pai.

A resolução desse episódio chega com o aviso da namorada de Hermes, que informa finalmente que sua menstruação chegou. Esta é uma situação que consegue chegar à solução do problema apresentado no início do roteiro. Por se tratar de um acontecimento específico na vida do personagem e não um relacionado a questões sociais mais complexas, a resolução se torna mais simples e prática, embora não resolva definitivamente as questões relacionadas à maturidade do personagem. Isso tem repercussão no episódio seguinte, quando Hermes é novamente o personagem central.

3.4 Episódio 4: Acontece com todo mundo

Como o próprio título menciona, o tema apresentado no quarto episódio é comum e frequentemente abordado em diferentes contextos. A impotência, escolhida para ser a questão desse monólogo e consequentemente do roteiro, costuma ser alvo fácil de humoristas, sendo

abordada por *sitcoms* famosas como *Friends* e *Seinfeld*, por exemplo. A diferença trazida para esse roteiro, foi buscar adicionar o ponto de vista do outro lado da relação, ao invés de ficar somente na costumeira visão do homem. O porta-voz escolhido para esse episódio foi novamente Hermes, repetindo o personagem central pela primeira vez na série, ao identificar-se que o perfil do personagem seria adequado para viver a referida situação. Tão importante quanto no episódio, é a participação novamente de Babi que traz a visão do lado feminino para o roteiro.

O início do episódio aponta a situação vivida por Hermes que começa seu desabafo com Cruz, sobre essa situação que está lhe incomodando. Primeiramente, por meio do diálogo, eles tentam descobrir o motivo da impotência de Hermes e conversam sobre a reação dele diante da situação. Vendo o nervosismo de Hermes, Cruz indica ao amigo que partilhe suas frustrações no seu canal. Até esse momento, seguimos o padrão tradicional, dois homens discutindo sobre essa situação, como feito no primeiro episódio da sexta temporada de *Seinfeld*, “The Mango”, com Jerry e George, ou no primeiro episódio da sétima temporada de *Friends*, “The One With Monica’s Thunder”, com Chandler e Joey. É a partir da entrada de Babi, que um novo ponto é acrescentado à discussão.

O diálogo posterior à entrada de Babi ganha um novo tom, deixando de lado o questionamento sobre o que aconteceu com Hermes para que ele ficasse impotente, passando a focar em como agir a partir de agora com o problema. Além disso, é Babi quem questiona como está a namorada de Hermes diante desta situação, algo que até o momento os personagens ainda não haviam considerado. Babi esclarece Hermes sobre como sua parceira pode estar se sentindo e sobre como eles podem e devem resolver a questão juntos. A personagem pontua que a impotência não é o fim do mundo e que é possível construir um relacionamento e até a vida sexual pautados em outras formas de se relacionar.

Ao fim do episódio, não sabemos se a impotência de Hermes continua ou não, mas ele resolve encontrar a namorada de qualquer jeito. Ainda assim, após a conversa, pouco importa se ele terá ereções ou não no futuro, deixando o problema bem mais compreensível do que antes. Esse episódio pretende abordar a forma tradicional através da qual o problema da impotência é encarado, ao invés de solucioná-lo. Uma resolução diferente dos temas e contextos apresentados anteriormente.

3.5 Vídeo de entrada do canal

A internet possibilita um modelo de elaboração das séries, diferente do que se cobra na indústria televisiva. Normalmente, para se julgar um projeto para televisão, pede-se a

confecção de um episódio piloto e partir da recepção do público sobre este, decide-se sobre a produção do restante da série. Como o formato proposto aqui tenta utilizar-se de todas as praticidades oferecidas por essa nova plataforma de divulgação, esse roteiro foi pensado de uma maneira diferente para introduzir o espectador à série. Assim, não seria necessária a redação de um roteiro-piloto que apresente todos os personagens, suas características e funções.

Escrito com um modelo que destoa dos demais roteiros para os outros episódios, o vídeo de entrada do canal possui apenas o monólogo, falado diretamente para a câmera, sem que ocorram situações para que ele chegue a isso apresentadas no roteiro. O único vídeo em que Cruz é o sujeito do desabafo. Nele, o personagem fala sobre as suas motivações e expectativas para a criação do canal. Basicamente, o que foi exposto nesse relatório como a ideia para a elaboração da série foi resumido e personalizado para que pudesse ser contado para o espectador através da fala de Cruz.

A proposta desse vídeo é dar uma base para o espectador que entre no canal e motivá-lo, por exemplo, a dar suas impressões, deixando seus comentários ou respondendo com outros vídeos. Para isso, esse será o vídeo de entrada no canal, literalmente. Como o Youtube possibilita deixar um vídeo fixo na página inicial do canal, será utilizado esse recurso para chamar a atenção do público e introduzi-lo à proposta do iCruz.

Como este roteiro destoa dos demais e tem uma finalidade diferente, sendo o tema principal o próprio canal, a duração dele será bem menor, pois servirá apenas como introdução aos demais episódios produzidos para o canal. Assim, não deve ser muito longo, já que sua proposta é apresentar e atrair o espectador aos outros episódios, sem cansá-los ainda na página de entrada do canal.

4 PÓS-PRODUÇÃO

Nessa etapa do relatório serão descritos os momentos posteriores à confecção do roteiro e da elaboração da ideia da série, seu formato e temas. Serão abordadas as impressões de pessoas que leram o roteiro e como as sugestões podem ser incorporadas alterando o produto inicialmente proposto; além da adição de ações durante os episódios; o refinamento dos diálogos e as perspectivas de realização, para levar o roteiro ao audiovisual.

4.1 Impressões de terceiros

Após conversas com pessoas próximas, principalmente colegas da faculdade e o professor responsável por orientar o projeto, algumas modificações foram sugeridas para melhorar a dinâmica dos episódios e deixar o produto mais interessante e apto a ser produzido. Como o roteiro inicial era composto principalmente por diálogos e obviamente por monólogos, era necessário criar uma dinâmica baseada também em ações para que os personagens interagissem e proporcionassem uma melhor *mise-en-scène* no momento de filmar. Com exceção do episódio inicial, que possui uma interação maior com os objetos de cena, os demais episódios estavam centrados somente na conversa em torno dos problemas, com os personagens praticamente estáticos durante a maioria das cenas.

Uma ideia que já havia sido pensada, mas não concretizada no roteiro, era que todos os problemas apresentados não tivessem solução definitiva, sendo o mais importante abrir o debate no final. Apesar de alguns conseguirem cumprir esse objetivo, outros se encerram ao fim do episódio. Seguindo essa linha, seria criada uma resolução paliativa para o problema, ao indicar um fim comum a todos episódios, onde todos eles terminariam com os personagens indo a um bar, tentando evitar o problema ao invés de solucioná-lo. O primeiro episódio escrito e também o escolhido para estrair o canal, “Não aguento mais o preço do ônibus!”, propunha este desfecho, mas os outros episódios não. Ao ser sugerido pelo orientador que fossem criadas ações para os personagens para incrementar a dinâmica dos episódios, a solução foi retomar de vez a ideia original. Entretanto, ao invés de conduzir os personagens para o bar ao final de todos os episódios, seria criado um contexto para que eles bebessem em casa, interagindo dessa forma com objetos de cena, como a geladeira e as garrafas. Além de interromperem os diálogos para se servirem ou oferecerem aos outros, o que pretende criar um tom mais real e de menor representação dos personagens.

4.2 Refinamento dos monólogos e diálogos

Somente após concluir os roteiros e deixá-los de lado por um tempo é possível enxergar a obra com outros olhos e então enxergar os erros cometidos ou perceber o que poderia ser retirado, adicionado e mudado de ordem. Em um roteiro de comédia, principalmente, a ordem e a mudança de uma palavra por outra podem aumentar ou destruir o humor.

O monólogo do primeiro episódio que diferente dos outros busca ser o mais próximo a um show solo de humor, foi o mais alterado, para que algumas piadas fossem incluídas e

outras cortadas. Apesar de não estar completamente satisfeito com o resultado ele foi modificado diversas vezes, com mudanças no conteúdo e na posição de algumas falas, inclusive no modo como se inicia o texto.

Outro ponto apontado pelo orientador, foi a falta de espaço do personagem Cruz em alguns episódios. Ainda que ele não seja o personagem central nas histórias, por se tratar do único personagem fixo e por possuir uma personalidade que o faz ser conselheiro dos demais personagens em momentos diversos, era necessário dar mais força ao personagem em alguns pontos da narrativa, afinal o programa tem seu nome no título. A solução encontrada foi atribuir falas de alguns outros personagens a ele e aumentar algumas de suas falas, para que apresentasse mais sua opinião e participasse mais ativamente dos debates.

4.3 Perspectiva de realização

Ao longo do tempo da faculdade, acabamos criando muito conteúdo, com curtas, *podcasts* e roteiros de todos os tipos. Para que esse conteúdo pudesse ser visto por um maior público, foi criado em conjunto com Pedro Dias Lemos, Camille Amaral e Renato Furtado, o portal Cheide Conteúdo, que engloba o site cheideconteudo.com, o canal em [youtube.com/cheideconteudo](https://www.youtube.com/cheideconteudo), além de páginas no Facebook e Instagram. Atualmente escrevemos roteiros e produzimos conteúdo voltados a essas plataformas, com alguns curtas na etapa de pós-produção no momento. O iCruz pretende seguir esse movimento e ser a primeira websérie do canal, com produção prevista para ser realizada ao longo do ano de 2018 e episódios dirigidos por diferentes componentes da equipe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar essa série e redigir esse relatório foi um exercício de reflexão sobre produção de conteúdo para a internet, buscando aprimorar cada vez mais o modo como utilizamos essa plataforma para produzir e divulgar obras. Com relação a abordagem dos temas, o intuito foi trazer à tona uma vida de referências de conteúdo audiovisual advindo da televisão, da internet e do cinema. Utilizando o aprendizado da formação dentro da Escola de Comunicação, buscou-se propor uma nova forma de contar histórias, valendo-se de características oriundas da televisão e da internet, principalmente.

Espera-se que esse trabalho auxilie na compreensão sobre como foram elaborados a série, seus personagens, propostas e roteiros, com suas situações, monólogos e diálogos. Assim, busca-se contribuir com outros produtores e realizadores, ao se utilizarem desse

modelo para o desenvolvimento e propagação de suas próprias narrativas e inquietações, tornando o ambiente, e conseqüentemente o debate, na internet e no audiovisual brasileiro mais plural.

REFERÊNCIAS

- APENAS 4% das mulheres se consideram bonitas, diz pesquisa internacional. *O Globo*, São Paulo, 03 nov. 2011. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/apenas-4-das-mulheres-se-consideram-bonitas-diz-pesquisa-internacional-2760581>. Acesso em: 17 novembro 2017.
- FRIENDS. Criação David Crane; Marta Kauffman. Los Angeles: Warner Bros. Television, 1994-2004. 22 min, 236 ep., son, color, tela cheia (1.33:1). Áudio original em inglês.
- MURRAY, Donald. *All Writting is Autobiography*. In: *College Composition and Communication*. Vol. 42, No. 1, p. 66-74. Urbana, National Council of Teachers of English, 1991.
- NETWORK. Direção Sidney Lumet. Nova Iorque: Metro-Goldwyn-Mayer; United Artists, 1976. 121 min., son., color. Áudio original em inglês.
- SEINFELD. Criação Larry David; Jerry Seinfeld. Nova Iorque: Sony Pictures Television, 1989-1998. 22 min., 173 ep., son, color, tela cheia (1.33:1). Áudio original em inglês.
- SEINFELD funnier than Jackie Gleason? Says who?. *CBSnews*, Nova Iorque, 05 dez. 2012. 60 Minutos. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/seinfeld-funnier-than-jackie-gleason-says-who/8/>. Acesso em: 19 novembro 2017.
- VAZ, P; SANTOS, A; ANDRADE, P. *Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência*. Juiz de Fora, Lumina, 2014.

Anexo 1.

iCruz
1x00 - Apresentação do iCruz
por
Frederico Ferreira

QUARTO DO CRUZ - INT./DIA

Uma estante com livros, alguns bonecos colecionáveis dos Simpsons e retratos com fotos de CRUZ, 21, bebendo com amigos. Na parede, um pôster de "Um Estranho no Ninho". Cruz acaba de ligar a câmera apontada diretamente para seu rosto e senta-se na cadeira.

CRUZ

Oi. Eu sou o Cruz. E seja bem-vindo ao iCruz. O canal que precisava ser criado há muito tempo. Não por causa de vocês. Vocês não precisam dele. Na verdade, nem eu preciso dele. Quem precisa mesmo são os meus amigos. Bem, deixa eu explicar. Eu sou estudante de psicologia e mesmo sem ser formado ainda, já faço atendimento há um bom tempo. Não porque eu sou o novo Freud ou porque me pagam bem pra isso, faço simplesmente porque sempre tive o dom de estar no lugar certo na hora certa... na hora certa em que meus amigos tão na bad. Eu sempre fui o que você pode chamar de ombro amigo. Desde... sei lá quando, eu ouço e tento ajudar todo mundo que eu conheço. Não sei se é a minha cara que passa uma confiança, mas as pessoas simplesmente se abrem comigo. Incrível. Vai ver o erro é meu. O problema deve ser a minha mania de sempre que encontro alguém, perguntar "E aí, como é que tá?". Pronto, isso já basta. Eu acho que se eu abaixar a cabeça sempre que passar por um conhecido 90% das minhas "consultas" acabam. Mas é maior do que eu, eu não consigo. E a resposta é sempre a mesma. Quando a pessoa chega pra mim já falando "Ai, Cruz..." eu já até me sento. Daí que eu tirei o nome do canal, aliás. Se vocês quiserem ler como "Iiih, Cruz..." também serve. E eu sempre tento ajudar. Na verdade, eu tentava. De uns tempos pra cá, eu percebi que na maioria das vezes os problemas não tem solução, ou pelo menos não uma ao meu alcance. O que as pessoas mais querem mesmo é

CRUZ (cont.)

serem ouvidas. Desabafar. Só de elas saberem que não são só nessa e que muita gente sofre das mesmas coisas já é um tremendo alívio. E assim que eu percebi que meus amigos precisam desse canal. Porque eu não passo por tudo que eles estão passando. Eu sou só um. Mas vocês... vocês podem me ajudar.

Porque vocês podem tá passando pelas mesmas coisas que eles. E quem sabe isso não ajuda eles, ajuda vocês e me ajuda também, né. Agora sempre que algum amigo meu tiver algum problema eu vou trazer ele aqui pra compartilhar as dores com vocês. E se vocês quiserem comentar no vídeo, fiquem à vontade. Se vocês quiserem fazer algum vídeo respondendo, ótimo também. Ou podem até colocar uma questão afligindo vocês. Certeza que vai ter mais alguém aí fora passando uma coisa parecida. Bora se ajudar né, pessoal. Agora que vocês já sabem o que os aguarda, dá uma olhada nos vídeos que já saíram e se vocês se enxergam em algum deles. Eu fico por aqui. Abraços.

Fui!

Anexo 2.

iCruz
1x01 - Não aguento mais o preço do ônibus!
por
Frederico Ferreira

SALA DO CRUZ - INT./NOITE

Cruz assiste TV no sofá e Robson conta moedas sentado na mesa.

ROBSON

Pô, cara, não vou te enganar não, mas tu pode quebrar uma pra mim na moralzinha.

CRUZ

Lá vem.

ROBSON

É, muito na moralzinha mesmo.

CRUZ

Manda.

ROBSON

Porra, me arranja 2 reais aí pra pegar o ônibus que tá foda.

CRUZ

Tá difícil a vida?

ROBSON

Tá fácil pa ninguém, né. Posso te falar uma coisa do fundo do coração?

CRUZ

Sempre né.

ROBSON

Eu não aguento mais o preço do ônibus.

CRUZ

Ninguém mais aguenta né, cara.

ROBSON

Não, eu tô falando sério, toda vez que eu passo naquela catraca me dá um negócio. Eu sinto que qualquer dia vou estourar. Foda-se!

CRUZ

E tu vai fazer o quê?

ROBSON

Sei lá, gritar com alguém.

CRUZ

O máximo que a gente tem pra fazer é reclamar com o motorista, mas adianta de quê? Coitado, o cara tá mais fudido que nós. Agora tem até que cobrar a passagem, além de dirigir. E eu duvido que tá ganhando o dobro pra isso.

ROBSON

Mas não dá mais, cara, isso é um absurdo.

CRUZ

Quanto que tu tem aí?

ROBSON

4,00 no bilhete único e 6,20 no dinheiro.

CRUZ

E quanto é a passagem?

ROBSON

8,00. Isso no bilhete único, no dinheiro é 8,20.

CRUZ

Porra, mas já dá.

ROBSON

Não porque não funciona assim. Seria lindo se fosse. Eu tenho 4 em um e 6,20 no outro, mas não tem como somar os dois e passar lá. Ou seja, eu tenho o dinheiro, mas na verdade, pro motorista eu não tenho nada.

CRUZ

É, aí fudeu.

ROBSON

Pois é.

CRUZ

Caro pra caralho, hein.

ROBSON

Eu não aguento mais o preço do ônibus. É simples, não dá mais.

CRUZ
 (Levantando-se)
 Pera aí. Se tu der sorte tem uns trocados ali no quarto.

Cruz anda até o quarto e volta.

CRUZ
 Deu sorte, hein. 2 pila certinho.
 Cruz joga uma moeda de 1 real e duas de 50 centavos pra Robson. Robson se atrapalha e deixa cair uma de 50 que rola pra baixo do rack da sala.

ROBSON
 Pronto. Agora fudeu.

QUARTO DO CRUZ - INT./NOITE

Robson fala para a câmera, ao velho estilo vlog, atualmente conhecido como youtuber.

ROBSON
 É foda morar em Niterói. Niterói é a única cidade que eu conheço que cobra ingresso. Só pra entrar tu já paga 4 reais. Isso de carro, né.
 Pior é o preço do ônibus. Oito. Só pra entrar. Pra sair é mais 8. Isso no bilhete único, no dinheiro é mais. Se tu estuda ou trabalha no Rio todo dia, então, fudeu. É 16 reais só de transporte. Eu já cheguei a pagar num dia 24 reais de ônibus só pra ir pro estágio e pra faculdade. 8, 16, 24, parece a tabuada da desgraça! Eu não aguento mais o preço do ônibus! Mas vou fazer o que? Pegar Uber todo dia não dá. Carro nem pensar. Se eu não tenho dinheiro pro ônibus vou sustentar um carro? Se bem que com o preço da passagem, se eu guardasse essa grana todo dia por um ano talvez desse pra bancar... um jatinho ou pelo menos um boing usado. Descia ali no Santos Dummont e já evitava 13km de ponte.

SALA DO CRUZ - INT./NOITE

Robson está deitado tentando olhar pela fresta do rack com o chão por onde a moeda passou. Cruz olha de cima apreensivo.

CRUZ

Tenta arrastar essa porra.

ROBSON

Arrastar como? Pesado pra caralho. O negócio é pegar um imã pra puxar a moeda.

CRUZ

Imã não pega em moeda.

ROBSON

Como não? Claro que pega.

CRUZ

Pega não.

ROBSON

Pega sim.

CRUZ

Tô dizendo que não.

ROBSON

E eu tenho certeza que sim.

CRUZ

Tá bom, talvez pegue. Mas não tem imã aqui.

Robson levanta e se joga no sofá.

ROBSON

É, vou morar aqui agora.

CRUZ

Tu não tem dinheiro no banco, não?

ROBSON

Até tenho, mas não tem como sacar uma hora dessas.

CRUZ

Porra, pega um Uber, então.

ROBSON

Tá loco, vou pagar 50 conto mole, de bobeira, pra ir pra casa? Não fode. E meu cartão veio caro pra caralho esse mês já.

CRUZ

Pô, então, pega o que tu tem e tenta convencer o piloto.

ROBSON
 Não, dá. Eu tenho 7,70 e a
 passagem é 8,20. Se fosse cinco
 centavos ele deixava de boa. Se
 fosse camarada mesmo ia até 20.
 Mas 50 não dá nem a pau. Descontam
 dele no fim do mês ainda.

CRUZ
 É, então, senta e chora.

Robson senta no sofá.

ROBSON
 Eu fico pensando na galera que não
 tem opção mesmo de jeito nenhum.
 Por que eu posso dormir aqui por
 exemplo e sacar o dinheiro amanhã.
 Pronto, resolvido. Mas e a galera
 que precisa dessa bosta pra ir
 trabalhar e voltar pra casa todo
 dia? E a galera que só quer ter o
 direito de ir pra praia se
 divertir? Toma no cu?

Cruz pega uma caneta e se joga no chão.

CRUZ
 Talvez com isso aqui eu consigo
 puxar.

BABI entra na casa.

BABI
 Que porra é essa, Cruz?

ROBSON
 Tá tentando pegar uma moeda que
 caiu ali.

BABI
 Porra, cês são pobre mesmo, viu.

ROBSON
 É pro ônibus. Ow, Babi, tu não tem
 50 centavos aí pra me emprestar,
 não?

Babi começa a olhar na bolsa.

BABI
 Devo ter. Deixa eu ver.

ROBSON

Aliás, tu que é uma futura advogada, não tem nada na constituição que proteja nosso direito de ir e vir não? Como é que eu tenho que pagar 3,80 pra ir e mais 3,80 pra vir, se eu quiser andar nessa cidade?

BABI

Bem, até tem, mas na teoria é o direito só de tu poder ir pra onde quiser, agora como tu vai é outra coisa. Na verdade, o transporte público também é um direito, tem que ser um serviço acessível e de qualidade. Mas uma coisa é como tá escrito e a outra é a pratica, né. Brasil é Brasil.

ROBSON

Pois é, quem quer que fiscalize isso com certeza nunca pegou um 457 lotado.

Babi tira uma moeda da carteira e joga para Robson.

BABI

Aqui, toma.

Cruz se levanta.

CRUZ

É, desisto. Mas, então, isso aí não é nada, o 457 já leva vantagem só por passar pela Zona Sul. Já tentou pegar um ônibus pra Vaz Lobo?

ROBSON

Sei nem onde fica.

CRUZ

Pois é. Tu sabe onde fica Cascadura?

ROBSON

Sei, longe pra caralho.

CRUZ

Pois é, quando tu chega lá, ainda tá longe. Aí tu imagina.

BABI

Sei como é isso.

CRUZ

Que porra nenhuma, Babi. Nascida e criada na Zona Sul, nunca passou um aperto na vida. Pra cima de *moi*?

BABI

Já peguei muito ônibus na vida.

CRUZ

Mas ônibus na Zona Sul é mole. Laranjeiras, então...

ROBSON

Pra mim, pegou ônibus que começa com 5 eu nem olho na cara. Só respeito quem pega de BRS 4 pra cima.

BABI

Falou o que mora em Niterói.

ROBSON

(Contando moedas)

É, mas não moro em Icarai, não. E pra Niterói é foda. 13 km só de ponte.

Robson acaba de contar, tira o celular do carregador atrás do sofá e põe a mochila nas costas.

ROBSON

Então é isso, meus amigos, fiquem com Deus que o 703 me chama.

CRUZ

Espera aí que a gente desce contigo.

ROBSON

Pra onde cês vão?

BABI

O Cruz perguntou no whatsapp e a gente combinou de tomar uma ali no Cachambeer.

ROBSON

Pôôô, mas assim? Na traiagem? Nem chama.

BABI

Quem mandou não olhar grupo?

ROBSON
Meu cel tava carregando. Mas se for
assim, eu vou também. Brindo vocês
com minha ilustre presença.

Robson joga a mochila de volta na cadeira.

ROBSON
E pode deixar que a primeira eu
pago.

Os três vão saindo do apartamento.

CRUZ
Porra, mas tu não tava duro?

ROBSON
Mas aí é no crédito, né. Deixa que
o Robson do mês que vêm se
preocupa com isso.

CRUZ
E o do ônibus?

ROBSON
Ah, a gente racha um Uber.

Robson apaga a luz e fecha a porta.

Anexo 3.

iCruz
1x04 - Mal diagramados
por
Frederico Ferreira

SALA DO CRUZ - INT./NOITE

Douglas está na bancada, focado deslizando no Tinder. Babi e Cruz estão sentados no sofá.

DOUGLAS
Porra, pra cá pra essas bandas é foda. Só filhote de morcego, puta que pariu.

CRUZ
Não cospe do prato que comeu.

DOUGLAS
Pô, tá certo que a Zona Norte já me quebrou muito galho, mas uma vez que a gente é apresentado ao mundo da Zona Sul não quer outra vida. É só tipo exportação. É tipo mina da Malhação pra cima.

BABI
E tu acha que o mundo é assim?

DOUGLAS
Seria lindo se fosse.

BABI
Sabe uma coisa que me deixa bolada? Essa ilusão criada na cabeça de vocês por causa da TV. Por que não tem gente feia na TV? Sendo que só o que tem na vida é gente feia.

CRUZ
Tu tava olhando pra mim?

BABI
Não, não é isso. É só uma coisa que sempre me incomodou. Por que não tem gente feia na TV?

Cruz levanta e anda até a geladeira.

CRUZ
Porque na cabeça dos executivos todo mundo prefere ver 30 minutos de gente bonita, com intervalos de gente bonita comprando produtos pra deixarem elas mais bonitas. E assim, o feio também acha que pode.

CRUZ (cont.)
É puramente negócio. Eles nem
chegam a arriscar.

Cruz tira duas long-necks da geladeira.

DOUGLAS
Ah, mas tem gente feia na TV
direto.

Cruz oferece pro Douglas uma garrafa.

DOUGLAS
(Passando a mão na barriga)
Não bebo pão líquido.

Cruz rola os olhos e suspira. Senta-se ao sofá e entrega uma
garrafa para Babi.

BABI
Sim, mas só quando são
propositalmente feias. Se o papel
não for especificamente pra ser uma
pessoa feia, eles pegam alguém
bonito.

DOUGLAS
Mas eu já vi filmes com caras
feios. Comédia tem direto.

BABI
É, tá aí outro ponto. Se tiver
alguém feio é sempre pra ser o
engraçado. Em comédia, então,
parece até que tem cota pro cara
esquisito. E o pior é que as
mulheres desses caras nos filmes
sempre são lindas.

DOUGLAS
Mas não dá pra fazer uma atração
na TV só com gente feia. O nome
disso é circo.

BABI
Por que não? Se pelo menos metade
das pessoas que a gente vê na rua
são feias? Cadê essa
representatividade na TV?
Principalmente na publicidade.
Gente feia em propaganda, então, é
só pra ser engraçada.

CRUZ

O pior é que a maioria dos produtos servem pra deixar todo mundo mais bonito. Roupa por exemplo, é uma grande fachada pra imperfeição corporal. É tipo uma máscara pro corpo. Álcool também é muito eficiente nesse combate.

BABI

E é nesse caminho que a pessoa feia acha que tá sozinha no mundo, quando na verdade é a maioria e é quem sustenta esse status quo.

CRUZ

(Com desdém)

É, tanto que o Marx já dizia, se o feio tudo produz ao feio tudo pertence. Famosa luta de faces. Tem problemas muito maiores que esse na nossa sociedade, né Babi. Mas sem nem entrar nesse mérito ainda. Primeiro, tu acha quem tem lugar de fala no mundo feioso? Porque eu sei pelo que eu já passei, já fui chamado até de desestético. Mas tu te considera feia?

QUARTO DO CRUZ - INT. NOITE.

Babi fala para a câmera com a long-neck na mão.

BABI

Eu me considero feia. Na verdade, eu não me considero bonita. Aliás, quem se considera? Eu li uma pesquisa que só 4% das mulheres se consideram bonitas, isso é um número muito pequeno, mas não é de se espantar. Se pra todo canto que a gente olha sempre tem as pessoas mais lindas, bem vestidas, devidamente retocadas para ficarem ainda mais impossivelmente lindas, como é que eu vou conseguir achar que o meu nível aceitável? Ainda mais que eu me vejo todo santo dia em todo mísero momento, acordando depois de uma ressaca ou passando uma tarde sem tomar banho comendo uma pizza na minha cama. É muito difícil se achar bonita quando a gente conhece nossos momentos mais feios. Mas ninguém tá disposto a mostrar na TV esses momentos. Em que a gente é mais vulnerável, que é o que faz a gente mais humano.

BABI (cont.)

Mas não, pra eles a gente tem que tá sempre foda. 100%. Com cara de rica. O mundo me obriga até a me depilar com cera fria sorrindo, meu deus!

SALA DO CRUZ - INT./NOITE

CRUZ

Pelo menos na internet tem espaço pra gente feia.

Babi sai do quarto.

BABI

Tem? Será mesmo?

Babi anda até a geladeira, tira uma garrafa e aponta pra Cruz oferecendo.

Cruz levanta a sua garrafa pela metade.

DOUGLAS

Não, tem sim. Tem uns caras muito bizarros na internet. Ô lugar do demônio pra ter gente feia. Puta merda.

Babi tira uma garrafa e vai para o sofá.

BABI

É, eu tava pensando nisso, também, mas até a internet tá me deixando sem esperança. Se antes tinha espaço pra gente feia na internet, hoje em dia o feio ou é meme ou é vine. A galera que faz sucesso sempre é bonitinha. Ou é notoriamente estranho.

CRUZ

O que é mais injusto é que a vida de quem tá na TV já se torna infinitamente mais fácil, só por ser famoso. Mas a vida de quem já é bonito já é por si só mais fácil. Então eles fazem o bonito virar famoso pra fuder o negócio de vez mesmo. É tipo o Silvio Santos ganhando na loteria.

BABI

Mas também, o que a gente pode fazer pra mudar isso?

CRUZ

Tu podia casar com um cara feio, já pensou nisso? Qual foi a última vez que tu pegou um cara mal diagramado? Não, qual foi a última vez que tu deu em cima de um cara assim? Falar pelo feio é fácil, quero ver encarar um.

BABI

E qual foi a última vez que tu pegou uma mina "mal diagramada"? Aposto que nunca também, pelo menos não sóbrio. É isso. A gente tá tão acostumada com uma enxurrada de gente bonita na nossa cara de anúncio da ppp que qualquer coisa que não seja aquilo a gente não aceita. E o pior é que ao mesmo tempo, a gente se sente um lixo por não alcançar aquele padrão, então não se sente apto pra alguém que alcance.

DOUGLAS

É, esse mundo é terrível. Por isso que eu sempre pego mina feia na balada quando tô bêbado. Às vezes a gente tem que dar nossa contrapartida pra sociedade. Só não dá também pra andar de mão dada depois porque aí já é demais.

CRUZ

Eu acho engraçado, por que tu brinca, mas não faz ideia de como é ser feio. A vida de quem é bonito tem um caleidoscópio de nutella que faz cada experiência parecer mágica. Tudo é mais fácil.

DOUGLAS

Cara, mas a vida não tá fácil pra ninguém. É difícil pra todo mundo.

CRUZ

Mas pra uns é mais difícil que pra outros. Pra tu viver a minha vida, seria tipo comparar um norueguês com um cara que mora na Maré. Sair de um lugar que tu tem todos teus direitos garantidos pra um que tu tem que te provar a cada dia só por ser quem é. Claro que todo mundo tem problema. Mas uma coisa é ter crise existencial e a outra é sobreviver todo dia. E é

CRUZ (cont.)

nesse ponto que eu quero chegar.
Eu sou feio, ok. Posso ser
rejeitado por umas minas na
balada? Claro, a gente até se
acostuma. Mas pelo menos tenho
saneamento básico e ninguém aponta
um fuzil na minha cara quando tô
voltando do trabalho. Enfim, não
tá fácil pra ninguém, mas é muito
mais fácil reclamar sendo um feio
branco de classe média

O celular do Douglas vibra.

DOUGLAS

Ah, moleque. Olha só, finalmente um
match que vale a pena.

CRUZ

É, desisto.

DOUGLAS

Não, não. Ela é da Mangueira e
quase não tem peito. Olha aí, dois
coelhos numa cajadada só. E cês
ainda falam que eu só ligo pra
beleza.

Douglas começa a arrumar a mochila.

Cruz se levanta e anda até a geladeira.

BABI

É tipo Beethoven para os surdos.

CRUZ

Mas ele mesmo era...

Douglas se levanta.

DOUGLAS

Bem, vocês deixem eu ir que se tudo
ficar no esquema vou fazer um
trabalho de púbis ainda hoje.

Cruz tira uma cerveja.

CRUZ

Vai lá.

BABI

Não esquece, pelo menos, de dizer
que ela é bonita.

DOUGLAS

Claro que eu vou. Eu sou um
gentleman.

Douglas abre a porta.

DOUGLAS
Sem contar que uns elogios
podem já deixar ela no grau.

Douglas sai.

Cruz fecha a porta.

BABI
Não sei como ainda ando com vocês.

CRUZ
É a cota de amigo feio.

Anexo 4.

iCruz

1x02 - Pais e Filhos

por

Frederico Ferreira

SALA DO CRUZ - INT./DIA

CRUZ está sentado na sala olhando para o amigo HERMES, 20 anos, que está sentado no sofá com um olhar catatônico.

CRUZ

Puta... que... pariu, cara. Como que isso foi acontecer?

HERMES

Não sei. Quer dizer eu sei. Todo mundo sabe. Daquele jeito, né.

CRUZ

Puta que pariu. Vai virar papai.

HERMES

É.

CRUZ

E ela jogou assim, pelo celular?

HERMES

Pelo whatsapp. Teve nem a decência de mandar um áudio.

CRUZ

Mas cara, isso é certeza? Quer dizer, ok, atrasou, mas não teve teste nem nada, né?

HERMES

Ela falou que vai fazer mais tarde. Que não dá pra fazer agora porque a mãe dela tá em casa. Puta que pariu.

CRUZ

Puta que pariu, de fato, meu amigo. Mas com todo respeito possível, que vacilo, hein. Como que tu não se previne numa situação dessas?

HERMES

É, cara. Na hora é aquele clima, aquele movimento, sangue demais no lugar errado e de menos no lugar certo. Aí fudeu, né.

CRUZ

Sei como é.

HERMES

E vou te contar um negócio porque tu é muito meu parceiro, na boa mesmo.

CRUZ

Fala, cara. Tô aqui pra isso.

HERMES

Cara, a primeira vez que eu transei eu tinha 14 anos. Eu lembro bem porque era uma quarta-feira. Foi no dia daquele flamengo e santos. Então me marcou bem.

CRUZ

Com certeza uma das melhores noites de todos os tempos.

HERMES

Pra mim, então, com certeza. Mas então, eu transei nessa quarta à noite, e moleque né, fiquei ansioso pra próxima vez. Só que demorou um pouco mais do que o previsto e a próxima vez só aconteceu domingo. Da semana passada.

CRUZ

Caralho.

HERMES

É. Foi tipo aquele jogo mesmo. Uma noite que não se repetiria facilmente.

CRUZ

O cabaço praticamente cresceu de novo.

HERMES

Pode se dizer que sim. Aí quando pintou a oportunidade, eu não tive tempo de pensar duas vezes, né. Era como se tivessem me oferecendo um ingresso pra ver R10 e Neymar em campo juntos. Deu tempo nem de calçar as chuteiras.

DOUGLAS, 25 anos, entra na casa.

DOUGLAS

Eita, meus amigos, que caras são essas?

CRUZ

Atrasou.

DOUGLAS

Putaquepariu.

HERMES

É.

DOUGLAS

Acontece nas melhores famílias.

HERMES

Putá que pariu. (Hermes levanta assustado com as mãos na cabeça)
Como que eu vou falar pra minha família?

QUARTO DO CRUZ - INT./DIA

Hermes fala direto para a câmera.

HERMES

Cara, como é que eu vou criar uma criança? Eu ainda moro com meus pais. Eu nem me dou bem com meus pais. Que moral eu tenho pra criar um filho? Ontem mesmo eu discuti sério com meu pai porque ele queria que eu tirasse a carteira. Eu falei "Não faz sentido nenhum eu tirar uma carteira, sendo que nem encosto no carro e nunca preciso dirigir na minha vida". Ele disse "Quando tu tiver um filho vai precisar de um carro pra levar ele pra qualquer emergência". Eu respondi "Quando chegar essa hora eu me preocupo". Agora eu tô preocupado. Eu não tenho nem dinheiro pra pegar ônibus, imagina pra ter um carro. Imagina pra ter um filho. Imagina pra comprar fralda!

SALA DO CRUZ - INT./DIA

Douglas está comendo um sanduíche próximo à cozinha, enquanto Cruz está sozinho no sofá.

DOUGLAS

Então. Meu irmão tava me contando, que ele ouviu dizer, que tem um jeito de conseguir fraldas bem em conta se tu souber o caminho.

CRUZ

Quê?

DOUGLAS

É, cara. Sabe quando algum mendigo te para na rua e pede pra comprar fralda pros filhos deles? E aí não tem nem como negar, né, fralda não tem erro, não dá nem pra dizer que o cara vai gastar com bebida ou qualquer outra coisa. Toca na alma. A gente sempre ajuda, né. Mas aí, meu irmão ouviu dizer, que esses caras pegam e vão na boca e trocam as fraldas pelas paradas diretamente, e que depois os traficantes vendem a fralda por um preço menor do que a farmácia e ficam com um lucro da porra.

CRUZ

Quer dizer que existe um submundo das fraldas no Rio de Janeiro?

DOUGLAS

Mermão, tem malandro pra tudo.

CRUZ

Não fode, porra.

Hermes sai do quarto cabisbaixo.

DOUGLAS

(Para Hermes)

Mas, então, mano. Já pensou em pedir pra ela... tu sabe. Né. Uma solução remediada.

HERMES

Tá louco, cara. Que porra. Não fode. Nunca que eu vou fazer isso.

CRUZ

Porra, Douglas, não fode.

HERMES

Cara, não tem nem como tocar nesse assunto. Perguntar um negócio desses seria a maior canalhice possível.

DOUGLAS

Claro que tem. Muito simples. Mas tu tem que chegar assim, como quem não quer nada, olhar bem nos olhos dela e perguntar "já parou pra pensar agora o que você vai fazer?". E depois só torcer, né.

CRUZ

Caralho, mermão! Tu é um boçal.

DOUGLAS

Tá bom, só tava querendo ajudar.
Falo mais nada.

HERMES

Pior que sempre que eu vejo bebê
na rua eu brinco. Adoro criança.
Vai ver gosto tanto que acabei
atraindo essa porra. Agora vou
passar perto de criança na rua e
vou pegar até raiva. É foda.

CRUZ

É, foda. Mas minha mãe já dizia,
cara, toda criança é uma benção.
Daqui uns anos tu vai tá tão
feliz com o moleque que não vai
nem mais pensar nesse momento.

HERMES

É, né, cara.

CRUZ

É, imagina ele com a roupinha do
mengão. Indo contigo no maraca
lotado. Brincando com ele. Dando
comida. Ensinando da vida.

HERMES

Porra, o moleque ia ser craque.

CRUZ

Certeza. Tem que tirar o melhor
da vida.

HERMES

É isso aí. Caralho! É isso! Vou
mandar uma mensagem pra ela
mostrando meu apoio. Falando que
a gente vai se preparar pra isso
juntos. Pro que der e vier.

SFX: Mensagem de celular recebida.

Hermes pula do sofá de supetão.

HERMES

DESCEU CARALHO! DESCEU CARALHO!
CHUPA! FILHO DE CU É ROLA! Nunca
mais eu vou transar na minha
vida! Pelo menos não sem
camisinha. Filho é o caralho!

DOUGLAS

Porra, mas camisinha é ruimzão.
Ninguém come banana com a casca,
já diria papai.

CRUZ

É. Por isso que tu tá nesse mundo.

Hermes abre a porta da sala.

HERMES

Agora vamo comemorar, galera.
Que não é todo dia que o cara
passa ileso por uma experiência
de quase-vida. Vamo que é por
minha conta.

Todos vão saindo.

DOUGLAS

Aí não precisa nem falar duas
vezes.

CRUZ

Eis o milagre da vida.

Cruz apaga a luz e fecha a porta.

Anexo 5.

iCruz
1x03 - Acontece com todo mundo
por
Frederico Ferreira

SALA DO CRUZ - INT./DIA

Estão na sala Cruz e Hermes.

Cruz abre a geladeira. Tira uma long-neck.

CRUZ
Tá quase no ponto. Tá fria, mas
não tá gelada. Vai querer?

HERMES
Não, deixa mais um tempo.

Cruz fecha a geladeira e se joga no sofá.

HERMES
Se bem que eu tô achando que vou
dar um tempo na bebida.

CRUZ
Qual é, vai dirigir?

HERMES
Não, não é isso.

CRUZ
Encontrou Jesus?

HERMES
Não.

CRUZ
Então que que deu?

HERMES
É que...

Hermes suspira.

CRUZ
Ih, lá vem...

HERMES
É que eu não consigo. Não consigo
mais.

CRUZ
Como assim não consegue mais?

HERMES
(Apontando para a calça)
O menino.

Hermes faz sinal de fim de jogo.

CRUZ

Ih, rapaz, complicado. Mas tu acha que a bebida atrapalha?

HERMES

Ajudar não vai, né.

CRUZ

Cara, relaxa. Deve ser por causa de toda aquela história de pai ou não-pai. Freud explica.

HERMES

Explica?

CRUZ

Sei lá, pau, pai, mãe... deve explicar.

HERMES

Mas é verdade, aquele susto todo mexeu comigo. Com ele.

CRUZ

É triste. Uma morte tão prematura, com tanta vida pela frente. Mas é normal isso, cara. Acontece.

HERMES

Já rolou contigo também?

CRUZ

Deus me livre!

Cruz faz o sinal da Cruz e bate na madeira.

CRUZ

Mas, quer dizer, acontece com todo mundo. A hora chega para todos. E como foi isso cara? Quando tu viu que não tinha jeito mesmo, fez o que?

HERMES

Bom, ela tentou fazer algumas paradas pra reanimar o falecido, mas não teve jeito. Fiquei segurando aquela isca de anzol na mão com cara de quem peidou no velório.

CRUZ

Mas tu só ficou parado lá, sem fazer nada?

HERMES

Queria que eu fizesse o que?
Pulasse na frente dela balançando
o pau tipo "Eu sou o mollynho, o
seu amiguinho. Vamos brincar?".

CRUZ

Difícil... mas é sério cara, isso
acontece com todo mundo. Se tu não
acredita em mim, dá teu testemunho
lá.

Cruz aponta para o quarto.

QUARTO DO CRUZ - INT./DIA

Hermes fala para a câmera.

HERMES

Eu nunca imaginei que isso ia
acontecer comigo. Bem, eu imaginei
né, mas não esperava que fosse
agora, não tão cedo. É difícil
aceitar o baque na hora. Porque
antes ele tava pronto toda hora.
Até quando não era solicitado.
Principalmente, quando não era
solicitado. Onde tava esse pau
mole quando me chamavam pra
responder no quadro? Onde tava
esse pau mole quando eu ia descer
do ônibus? Onde tava esse pau mole
quando eu ia me despedir da minha
avó depois do natal? E mesmo
tentando pensar nas piores coisas
ele não abaixava. Eu podia pensar
na minha bisavó pelada coberta de
esgoto sendo açoitada pelo William
Waack que ele não descia. Mas
claro que essa hora tinha que
chegar pra mim. Parece que chega
pra todo mundo mesmo. E agora foi
a minha vez.

SALA DO CRUZ - INT./DIA

CRUZ

Já pensou em viagra?

HERMES

Não, cara. Tô muito novo pra
essas coisas. E pode dar problema
no coração, mexer com a pressão,
melhor não.

CRUZ

É. Melhor ser broxa do que cardíaco. Tem aqueles tratamentos pra isso também, né. Será que no Boston Medical Group eles aceitam meia?

HERMES

Não fode.

BABI entra na casa.

BABI

Eita, galera, quem morreu?

CRUZ

(Apontando pra calça do amigo)

Ele.

Hermes olha sério para cruz.

CRUZ

Qual o problema, cara? Isso acontece com todo mundo.

HERMES

Mas não precisa anunciar também.

BABI

Cara, isso é super normal. Acontece mesmo.

HERMES

Já aconteceu contigo?

Babi senta no sofá.

BABI

Bem, não comigo precisamente, né. Mas já estive presente em certa ocasião.

HERMES

E aí?

BABI

Bem, cara. Não vou mentir. Foi bem bad.

HERMES

Eu sabia. Ela deve tá achando que eu sou um bosta.

BABI

Cara, já parou pra pensar que tem mais do que tu nessa relação? Já parou pra pensar em como ela se sentiu?

HERMES

Imagino que ela tenha ficado
bolada comigo.

BABI

É bem provável que ela tenha
ficado bolada com ela. Ela pode
ter se sentido culpada. Sentido
que tu não tá atraído por ela. Que
tu já tá com outra.

HERMES

Mas isso não faz sentido.

CRUZ

Na tua cabeça. Já experimentou
falar com ela?

HERMES

Não.

BABI

Pois esse é um passo pra resolver
as coisas.

HERMES

É, vou fazer isso mesmo.

Hermes levanta. Anda até a mesa e pega o celular. Para por
um instante.

HERMES

Mas e se nunca mais voltar?

CRUZ

Acho bem difícil isso acontecer.

BABI

Bem, nesse caso sempre existem
outras maneiras de um casal ser
feliz sem passar ela vontade dele.
(apontando para a calça de Hermes)

Hermes começa a digitar no celular.

HERMES

É verdade. As vezes uma conversa,
um dia curtido juntos vale mais
do que qualquer transa.

BABI

Eu tava pensando mais em
língua, dedo e vibrador, mas
claro, isso também serve.

Hermes guarda o celular no bolso e encara Babi por um momento.

HERMES

Também boas opções. Eu vou encontrar ela agora e tentar resolver isso.

CRUZ

Se tudo der certo manda nudes.

Hermes mostra o dedo para Cruz e sai do apartamento.

CRUZ

(Gritando para Robson)
Também é uma boa opção!

Cruz levanta, vai até a geladeira e tira a long-neck.

CRUZ

Agora sim.

BABI

Nem oferece...

CRUZ

Essa é só pra quem não broxa?

Cruz abre a garrafa e entrega pra Babi.

BABI

Desse mal eu não morro.

Os dois brindam.

CRUZ

O problema é matar alguém.